

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (orgs.). Uma história brasileira das doenças. Volume 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. 277 pp.

Palavras-chaves: Brasil, doença, saúde.

Keywords: Brazil, disease, health.

Graduando em História pela Universidade Gama Filho/RJ e Bolsista IC/ CNPq pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP/Fiocruz.
vasques_hist@yahoo.com.br

Dois anos após a publicação do primeiro volume destinado a divulgar alguns dos trabalhos apresentados no I Seminário de História das Doenças realizado em 2004, eis que os interessados no campo da história das doenças são agraciados com um segundo volume, referente ao II Seminário de História das Doenças realizado em 2006. A obra novamente é organizada pela médica sanitária e historiadora Dilene Raimundo do Nascimento, a epidemiologista e historiadora Diana Maul de Carvalho e a historiadora Rita de Cássia Marques. O evento é fruto de uma parceria entre a Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ, e a Faculdade de Medicina da UFRJ, que dado ao sucesso da experiência de 2004 é atualmente realizado de dois em dois anos, sendo os principais artigos publicados em livro.

E os resultados do Seminário de 2006 parecem notáveis se levarmos em conta o objetivo da obra, que segundo as organizadoras, seria o de incentivar a maior exploração científica no campo da história das doenças. O livro conta com 11 artigos de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, que se debruçam sobre a problemática da doença, enquanto fenômeno social, aprofundando questões metodológicas e abrindo caminho para novas perspectivas de análise e escolha das fontes. A diversidade de temas em temporalidades e espaços distintos é consoante à pluralidade de fontes e perspectivas utilizadas nos diferentes estudos. A multiplicidade é tamanha, que a obra toda acaba por sugerir uma ampla possibilidade de exploração dos diversos comportamentos sociais ao longo da história perante a doença, e a visão de doença através de fontes como a literatura, a mídia, os mitos e o relato oral. Entretanto, os artigos contidos na obra, não deixam de alertar sobre as limitações inerentes a cada tipo de fonte, tradicional para o campo ou não, e possibilidades dentro de determinados temas. A obra inteira é bastante centrada nos séculos XIX e principalmente XX, não havendo artigos com temas que abarquem período anterior.

Em boa parte dos artigos há o esforço em realizar análises que compreendam as diferentes representações de doenças existentes em um dado contexto e a relação que estas diferentes representações mantinham no todo. Por isso, cada artigo acaba por trazer diversas abordagens e contribuições distintas e próprias no

Enviado em 31 de agosto e aprovado em 15 de setembro de 2008

sentido de dar conta e analisar seus objetos. Com isso, o conceito de doença e representação social, acaba dialogando com uma infinidade de outros conceitos que variam bastante de uma comunicação para outra abrindo caminhos para outras reflexões concernentes a limitações e possibilidades teóricas dentro do campo. Além disso, um dos pontos fortes do livro é a participação de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, que dialogam de maneira interdisciplinar com obras nacionais e internacionais, “borrando” as fronteiras do conhecimento, a fim de dar conta de processos históricos ligados à saúde e doença. Variadas são as experiências desse tipo nos últimos anos nesse campo, o que tem se mostrado bastante positivo. Nesse caso não é diferente e só vem a realçar a capacidade teórica advinda deste intenso e profícuo diálogo.

No primeiro artigo, Dilene Raimundo do Nascimento e o ensaísta e historiador Marcos Roma Santa analisam o método comparado, e sua utilidade para a história das doenças. Os autores traçam o histórico de surgimento e consolidação, bem como os problemas teóricos e riscos existentes ao se analisar dois contextos distintos comparativamente e demonstram que esses, são também reais, ao se pensar em método comparado em história das doenças. Entretanto, estando atento aos riscos de anacronismo, etnocentrismo e de generalização, o método comparado pode ser uma proveitosa forma de se analisar os impactos sociais da doença, suas representações tendo em vista as similitudes e diferenças nos variados contextos estudados. Para corroborar o argumento, os autores citam estudos recentes nos quais é visível o êxito na utilização do método comparativo em história das doenças.

O artigo seguinte é da médica e antropóloga Luiza Garnelo, que trata sobre a relação entre mito e a representação de doença sexualmente transmissível entre os índios Baniwa do noroeste amazônico. A autora utiliza as narrativas Baniwa para traçar a construção da representação de doenças sexualmente transmissíveis, que se tornaram uma realidade entre esse povo nos anos de 1920 à 1950 e como o mito, nesse caso, se confunde com história e é decisivo na construção dessa representação. As fontes orais também são utilizadas no capítulo seguinte, de Gláucia C. Arruda Silva que descreve como a população do baixo Jaguaribe no Ceará vivenciou o grande surto de malária de 1937-1940 e também as ações de profilaxia e erradicação implementadas de modo emergencial na época.

A literatura e as teses médicas são utilizadas como fontes pelo historiador Fernando Dumas, para falar sobre o alcoolismo em perspectiva histórica, apresentando as visões da sociedade burguesa e da medicina acerca do elemento alcoólatra, bem como do controle dos hábitos e prazeres relacionados ao consumo de bebidas. Dessa forma, personagens literários também são analisados como uma espécie de busca das representações possíveis no imaginário brasileiro acerca da doença. No capítulo seguinte os escritos literários e memórias do médico Pedro Nava são utilizados pela historiadora Vanda Arantes do Vale para traçar a história da medicina no Brasil entre o fim do século XIX e metade do XX, e as relações entre doença e sociedade. Este último aspecto de sua reflexão, porém, aparece de modo secundário devido à análise das transformações da medicina no período, que contam com o advento da microbiologia.

No Capítulo 6, Germana Barata realiza todo um trabalho de história do tempo presente, através da análise dos programas do “Fantástico”, que apresentavam ao público a Aids na década de 1980. Era a construção da imagem de uma doença nova com todas as suas contradições inerentes à ideologia, aos objetivos da mídia, bem como a aspectos sociais. É notável que o capítulo seguinte, escrito pela historiadora Dilma Cabral, promova ao leitor um retorno ao século XIX, explorando os impactos da bacteriologia e dos novos referenciais sobre a lepra no tratamento dos pacientes no Brasil, tendo como principal referência o Hospital dos Lázaros no Rio de Janeiro. Esse recuo temporal tão grande sem uma justificativa metodológica, indicando uma ruptura entre um tema e outro, acaba por evidenciar uma carência de organização dos artigos no sentido de dar coesão ao todo da obra. O artigo seguinte, entretanto, acaba tendo uma correspondência com o anterior no sentido de também estudar as transformações da medicina e suas implicações no que concerne às práticas e difusão de saberes perante a sociedade. Nesse caso, Anna Beatriz

de Sá Almeida analisa o processo de construção da especialidade de medicina do trabalho, em meio a disputas de interesses que envolviam aspectos políticos, econômicos e sociais ao longo dos anos de 1920 à 1950.

Nos três artigos finais, a partir de temas distintos e com diferentes proposições temporais, podemos ver contribuições sobre a articulação entre registros médicos e outras fontes de diferentes naturezas, como memórias, documentos jurídicos, periódicos e outros. No último artigo, porém, a historiadora Betânia Gonçalves Figueiredo, trás toda uma contribuição sobre como os historiadores das ciências da saúde estudam a ligação entre saberes e práticas médicas com as práticas cotidianas, no caso específico das doenças dos escravos. Tudo isso através de referências situadas no campo da história cultural, onde é possível desenvolver uma série de investigações, como o mapeamento de doenças, as formas de tratamento, interpretação da doença e do corpo tanto pelos médicos ou como pelos escravos e outros.

Algo que é visível na obra como um todo é a falta de uma organização dos artigos. Essa organização poderia ser temática, enfatizando talvez os tipos de fontes utilizados em cada trabalho, ou até mesmo temporal o que evitaria retornos e “saltos” tão bruscos entre uma temática e outra, ou de um período histórico e outro. Algo que pode ser lamentado, Estigmas dos artigos de alguma é a falta de artigos que saiam do marco temporal à qual boa parte das produções em história das doenças no Brasil estão ligados (séculos XIX e XX). Mais do que um descuido, isso também reflete a carência de produções que tomem como marcos temporais períodos anteriores ao surgimento das faculdades de medicina tanto no Rio quanto na Bahia. Eis talvez um dos maiores desafios desse campo atualmente, e que se remetido ao objetivo expressado na apresentação da publicação, podemos crer que foi ignorado. Com isso, o nome da obra acaba sugerindo um pouco mais do que realmente podemos encontrar no interior da mesma, principalmente se interpretarmos o título literalmente. Entretanto de modo algum retira o valor da mesma, quando vislumbramos as diversas possibilidades metodológicas que os artigos acabam evidenciando para se aventurar nesse campo. A própria diversidade temática, acaba sugerindo o quanto a história das doenças e, também, a história das ciências da saúde, podem ser importantes para se analisar a sociedade em suas dimensões política, econômica e cultural.